

O Brasil ainda está na moda

Cadeia têxtil sofre com os importados (como muitos outros), mas é o único grande player mundial não asiático do setor

KLEBER DE ALMEIDA

A poderosa indústria têxtil brasileira vive um período de altos e baixos: crise em 2009 (como, de resto, toda a economia), forte recuperação em 2010, nova queda na produção neste ano e leve retomada em 2012 – o que fará dele “apenas um ano morno”, na frase do economista Marcelo Prado, diretor-geral do Instituto de Estudos e Marketing Industrial (Iemi). Segundo os dados do instituto, as manufaturas têxteis cresceram 7,7% no ano passado (sobre a baixa base de 2009), devem sofrer queda de 12% em 2011 e ganhar certo alívio no ano que vem, pois se espera um crescimento de faturamento da ordem de 3,5%. Quanto ao vestuário, a situação não é muito diferente: cresceu 8,4% em 2010, sofre neste ano uma quebra também brusca e promete uma ligeira subida de 2,2% em 2012. Isso revela já os efeitos de uma moderada desaceleração interna, mas sobretudo a forte concorrência do produto importado, especialmente de países asiáticos.

Uma esperança para 2012 é a normalmente ruidosa campanha eleitoral, que costuma render muitos pedidos para a indústria, na forma de tecidos para faixas, banners e camisetas, ou seja, tudo o que é necessário para a divulgação do nome de um candidato. Foi assim em 2010. Outro alento pode vir do desempenho do segmento de moda, clube mundial de que o Brasil participa

há muitos anos – nele (já enquadrado no que se chama agora de “indústria cultural”), economia real e celebridades convivem em iguais proporções. Nesta *season*, por exemplo, estilistas dublê de empresários destacam o potencial das macro-tendências para a primavera/verão 2012-2013, com influência de tecidos rústicos e naturais, tons lavados e as cores vivas da geração que nasceu com a internet.

No ano passado, o forte crescimento do setor levou-o a faturar US\$ 60 bilhões. O resultado se deveu, basicamente, ao mercado interno, onde permaneceu mais de 92% de toda a produção. Apesar de a balança comercial estar deficitária desde 2006, a 11ª edição do Brasil Têxtil, lançada no final de setembro deste ano, revela que o Brasil já saltou, desde 2009, da quinta para a quarta posição no ranking mundial dos produtores de confecção, atrás apenas da China, Índia

e Paquistão, respectivamente. Isto faz do Brasil o único (e último) grande *player* não asiático do setor. Brasil Têxtil é um relatório setorial anual produzido pelo Iemi, em parceria com a Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit), por meio do Texbrasil (Programa de Exportação da Indústria da Moda Brasileira, desenvolvido com a Apex-Brasil).

Os números impõem respeito. Com 9,8 bilhões de peças produzidas, a indústria nacional representa 12,6% do volume total produzido fora da

AS LÍDERES

As 10 maiores do setor em 2010 por receita líquida - em R\$ 1.000

TÊXTIL

1	Coteminas - MG	1.021.412
2	Hering - SC	1.012.845
3	Vicunha - CE	901.995
4	Guararapes - RN	808.295
5	Tavex Brasil - SP	672.783
6	Lupo - SP	452.247
7	Teka - SC	327.211
8	M&G - PE	305.466
9	Tecidos Santo Antônio - MG	298.658
10	Cedro e Cachoeira - MG	294.930

Ásia. Além disso, detém 5,5% da receita líquida da indústria de transformação do Brasil e 16,4% dos empregos gerados em 2010, provando ser um grande amortecedor social com mais de 1,6 milhão de trabalhadores diretos. “A despeito da crise e dos mercados tradicionais em retração, no período de 2009 a 2010, o mercado interno brasileiro estava bem aquecido e, mesmo com aumento contínuo dos produtos importados, a indústria brasileira teve um expressivo faturamento”, confirma Aguinaldo Diniz Filho, presidente da Abit. “No entanto, o cenário em 2011 já se apresenta bem diferente, e de janeiro a agosto a queda na produção está em 12%, enquanto o varejo acumula alta de 6%. Resultado da crise do algodão vivenciada neste ano, desaquecimento do mercado interno e maior participação dos importados”, explica Diniz Filho.

“Os empresários estão fazendo a sua parte. A indústria nacional saltou de uma média de US\$ 883 milhões de investimento anual em 2006 para US\$ 1,5 bilhão em 2010. O número de empresas em atividade também pulou de 26 mil para 31 mil, nesse mesmo período” explica Marcelo Prado, do Iemi. No período 2006/2010, a Cadeia Produtiva Têxtil investiu nada menos que US\$ 4,3 bilhões em modernização e incremento da capacidade de produção. E continua a fazê-lo em 2011, embora não com o mesmo ímpeto, para aumentar a eficiência e ampliar a produção – da ponta inicial à modelagem final, quer dizer, desde as fibras naturais e químicas até a roupa.

Quando se fala em investimento nesse ramo, o recorde é 2010. De acordo com dados apresentados em evento do setor, promovido neste ano pelo Sindicato das Indústrias de Fiação, Tecelagem e do Vestuário (Sintex), em conjunto com a Abit e o SCMC-Santa Catarina Moda Contemporânea, foram aplicados US\$ 2 bilhões na modernização dos parques fabris, novas tecnologias e capacitação. Mesmo

assim, no front externo, o déficit do setor chegou a US\$ 3,5 bilhões, resultado do aumento na importação de têxteis. A concorrência com os asiáticos é notoriamente um dos problemas que o setor enfrenta, ao lado do câmbio valorizado (que afeta a todos os outros segmentos exportadores), dos juros altíssimos (que sobrecarregam a economia inteira) e da carga tributária. Mas há, em particular, um fator que a indústria acrescenta para justificar o declínio da produção neste ano: a alta do preço do algodão. Segundo Ulrich Kuhn, presidente do Sintex, os preços da matéria-prima atingiram seu maior valor desde sempre e, assim, não é possível ficar sem repassar os custos aos consumidores.

Além dos preços e do suprimento de algodão, outro problema específico enfrentado pela indústria têxtil é o peso da folha de pagamentos que recai sobre uma indústria intensiva de mão de obra. A decisão de promover a desoneração faz parte de uma Medida Provisória que já chegou ao Congresso Nacional, enviada pelo Palácio do Planalto, para discussão e aprovação de deputados e senadores (e que se estende a outros setores com as mesmas características, como calçados, madeira e móveis). Os industriais estão à espera disso, mas ao mesmo tempo acrescentam outros ingredientes a

seu rol de reivindicações: redução da carga tributária; ampliação das linhas de financiamento; aprimoramento do sistema de defesa comercial e desoneração das exportações; aumento do limite do Simples. Para isso contam agora com o apoio de uma Frente Parlamentar Mista para o Desenvolvimento da Indústria Têxtil e de Confecção, criada neste ano e composta por 250 parlamentares. Ambição não falta: os parlamentares assumiram o compromisso de lutar até 2014 para, pelo menos, reverter o déficit da balança comercial, combater as importações desleais e a competição desigual.

Poderosa geradora de empregos e faturamento, sustentada por um robusto mercado interno, a indústria acaba de ganhar sua própria bancada parlamentar